

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E MÍDIA-EDUCAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA POR MEIO DA PRODUÇÃO DE VÍDEO

SCHOOL PHYSICAL EDUCATION AND MEDIA-EDUCATION: A PEDAGOGICAL EXPERIENCE THROUGH VIDEO PRODUCTION

Da Costa, J.M., Wiggers I. **EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E MÍDIA-EDUCAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA POR MEIO DA PRODUÇÃO DE VÍDEO.** R. bras. Ci. e Mov 2020;28(4):17-29.

RESUMO: Trata-se dos resultados de uma investigação em educação física escolar que promoveu uma experiência pedagógica mediada pela concepção de mídia-educação. O trabalho foi conduzido metodologicamente de acordo com os princípios da pesquisa-ação. A pedagogia crítico-emancipatória foi o eixo das ações didáticas investigadas associadas a uma proposta de produção de audiovisual com estudantes da educação básica. Conteúdos esportivos são referenciados por meio de pesquisa dos estudantes e apresentados em vídeo. À luz dos fundamentos teóricos da mídia-educação e as aproximações da educação física a este campo educacional, são discutidos os resultados da pesquisa que sugerem a necessidade de um planejamento didático contextualizado e que possibilite abertura aos discentes a um protagonismo nas aulas. Assim, a proposta reuniu aspectos que potencializaram um ambiente de co-participação dos estudantes durante o processo de ensino-aprendizagem, aspecto caro aos objetivos da mídia-educação.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Mídia-educação. Pesquisa-ação. Pedagogia crítico-emancipatória.

Abstract: These are the results of an investigation in school physical education that promoted a pedagogical experience mediated by the conception of media-education. The work was methodologically conducted according to the principles of action research. The critical-emancipatory pedagogy was the axis of the didactic actions investigated associated to a proposal of audiovisual production with students of basic education. Sports content is referenced through student research and presented on video. In the light of the theoretical foundations of media-education and the approaches of physical education to this field of education, we discuss the results of the research that suggest the need for a contextualized didactic planning and that makes possible to open the students to a protagonism in the classes. Thus, the proposal brought together aspects that enhanced an environment of students' co-participation during the teaching-learning process, an expensive aspect of the media-education objectives.

Key words: School Physical Education. Media-education. Action research. Critical-emancipatory pedagogy.

Jonatas Maia da Costa¹
Ingrid Wiggers¹

¹Universidade de Brasília

Introdução

Um dos grandes mestres da literatura portuguesa contemporânea, José Saramago, escreveu obras primas tomando como mote algumas situações inusitadas que, ao se concretizarem, tomariam de arrombo a sociedade e a conduziria ao caos. É o caso de um país que vive um surto de cegueira branca, de outro que se depara com uma população que teima em votar em branco num pleito eleitoral e de um último que precisa enfrentar a situação da ausência total de mortalidade em sua população¹. Por meio desses enredos, Saramago buscou discutir questões mais amplas sobre o comportamento societal e as perversas atitudes dos indivíduos. O literato faleceu em 2010, permanecendo extremamente produtivo até o fim de seus dias. Entretanto, um fenômeno globalizado da sociedade moderna – apontado como o “quarto poder”² - não se tornou tema de sua fértil imaginação naquela mesma linha de histórias surpreendentes e surreais. Teria sido fascinante ler a história de uma sociedade atual, lidando com a ausência total das tecnologias de informação e comunicação.

Não é o caso aqui, de tentarmos neste espaço, avançar especulativamente sobre o que aconteceria se, por qualquer contingência da natureza (ou divina), nos deparássemos com tal situação – como tão bem escrevia o literato português. Mesmo porque não temos o poder imaginativo e as habilidades letristas do referido escritor. Mas se ao menos, à guisa de justificar e afirmar a profunda dependência de nossa sociedade, refletíssemos sobre a possibilidade de encarar o mundo sem a opção de uso dos jornais, do rádio, da TV, do cinema, da internet, certamente isto nos causaria espanto e medo. Não é exagero dizer que a utopia da “aldeia global” de MacLuhan¹, é cada vez mais perceptível sendo, portanto, inimaginável um mundo sem os meios de comunicação de massa.

Ao pensarmos sobre isso, nos deparamos frente à importância que tem o fenômeno midiático para a pauta da agenda mundial, sobretudo dos que pensam a formação humana, em especial, àqueles que estão aportados na educação formal. Todavia, afirmar que a mídia se tornou um tema de interesse global não corresponde em avançar nesta discussão. Do ponto de vista da formação, especificamente da educação formal, é necessário pensar no que diz respeito às melhorias de acesso a estas tecnologias, mormente às camadas menos favorecidas e também sobre como utilizá-las de forma a fazer com que elas se ajustem aos objetivos que fortalecem uma formação mais humana e crítica da parte de seus usuários².

De alguma forma, o desafio da escolarização das mídias passa pela maneira que os componentes curriculares da escola têm, paulatinamente, se apropriado ou se referenciado por ela. No caso da educação física – contexto de nossa pesquisa – tanto há experiências de práticas pedagógicas em interface com as mídias, como seu conteúdo é inapelavelmente abordado por ela, vide a temática esportiva³. Assim, este artigo aborda uma experiência de pesquisa, que atrelada à prática pedagógica em educação física, pôde construir conhecimento acerca de uma perspectiva didática que cria um espaço de formação emancipatória na escola básica por meio de uma abordagem que subsidia o trabalho docente a partir dos estudos de mídia e sua interface com a educação física.

De forma mais pontual, objetivou-se analisar uma proposição pedagógica de mídia-educação desenvolvida em aulas de educação física. Para tanto, baseou-se na pesquisa como estratégia de ensino de conteúdos esportivos de culturas não-brasileiras ao mesmo tempo em que se oportunizou a elaboração de produtos audiovisuais (vídeos) como possibilidade de socialização dos conhecimentos adquiridos por parte de estudantes de uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental. A proposta foi concebida a partir da articulação da pedagogia crítico-emancipatória^{4,5} às

¹ Os livros que discorrem sobre estes enredos são respectivamente: “Ensaio sobre a cegueira”, “Ensaio sobre a lucidez” e “As intermitências da morte”, publicados no Brasil pela Editora Companhia das Letras.

² Acredita-se que a expressão foi cunhada pelo filósofo e político irlandês do século XVIII, Edmund Burke (1729-1797), mas, ganhou o mundo a partir do filme “Mad City” (1997), traduzido no Brasil como o “O quarto poder”. O filme aborda o poder manipulativo da mídia sobre a opinião pública. A ideia é de aludir o poder midiático aos demais poderes de uma república democrática.

contribuições da concepção de mídia-educação². A investigação se estruturou segundo as orientações da pesquisa-ação de Thiollent⁶.

Inicialmente, o texto esclarece metodologicamente a pesquisa com vistas a qualificar o método da pesquisa-ação como proponente crítico às investigações que tematizam a prática pedagógica em educação física na escola. Posteriormente, defende a pesquisa como esteio pedagógico ao ensino de conteúdos de educação física e articula a produção de vídeo como forma de pensar o protagonismo discente e a co-participação de estudantes nas aulas. Por fim, discute a importância de se experimentar os estudos propositivos de práticas pedagógicas críticas em educação física e como a mídia-educação pode contribuir como uma alternativa didático-metodológica ao professor da escola básica.

Método

A favor da pesquisa-ação como método investigativo da educação física escolar

De antemão e a fim de melhor esclarecer os caminhos metodológicos percorridos no presente estudo, torna-se imperativo o posicionamento sobre o fazer científico em educação física no contexto do trabalho docente na escola. Nesse sentido, a educação física apresenta-se aos estudos das pesquisas educacionais como uma área de conhecimento atrelada às ciências sociais. Ao passo que se assim compreendemos a cientificidade da educação física escolar, observamos a necessidade de o conhecimento teórico estar interligado às técnicas de intervenção na sociedade, salvaguardando, desta forma, a ideia de que em se tratando do fenômeno social não é possível distinguir o agir do conhecimento, almejando sempre que possível, transformar métodos em ações operativas.

Na esteira desse entendimento é que a pesquisa-ação, nos termos propostos por Thiollent⁶ pode subsidiar os estudos que tomam como objeto a prática pedagógica em educação física na escola. Thiollent⁶ apresenta a pesquisa-ação como uma proposição alternativa à pesquisa social e de abordagem qualitativa, que objetivamente esteja engajada com uma ação ou problema coletivo, no qual pesquisadores e participantes representativos da ação ou do problema possam de forma associativa resolvê-lo. Em Betti⁷ procuramos fortalecer nosso entendimento segundo o qual acredita ver nas pesquisas de abordagem qualitativa um paradigma para os projetos de pesquisas em educação física escolar. Ademais, é preciso se valer das pesquisas de campo que deliberadamente experimentem as situações reais de ensino.

É premente a exploração do campo pedagógico da educação física nessa linha de pensamento. As lacunas que ora se apresentam na prática do professor estão diretamente relacionadas à ênfase que o campo científico da educação física deu, ao longo da história, às pesquisas em torno da aprendizagem motora, do desenvolvimento motor, da psicomotricidade; estas engendradas segundo os cânones das ciências naturais, geralmente apoiadas em abordagens quantitativas⁸. Em que pese estas pesquisas terem legitimidade científica, é mister afirmar que a busca produtiva e científica aqui defendida não pode confundi-las com os esforços afeitos na

orientação de implementar cientificamente as práticas pedagógicas que afluem na direção do compromisso político e das transformações sociais, estas pensadas de acordo com uma concepção crítica de educação. Mesmo eivados destas considerações, destacamos que a compreensão da metodologia da pesquisa-ação não deve se projetar como uma panacéia aos estudos da prática pedagógica da educação física escolar. Contudo, e sem nenhum receio de mitigar nossas provisórias convicções, percebemos no exercício da pesquisa-ação, um método que precipuamente concorreu para a consecução dos objetivos postos por esta pesquisa.

O lócus, a proposta pedagógica e as técnicas de pesquisa

Palco de nossa experiência pedagógica em educação física, a escola que serviu de lócus deste estudo situa-se na cidade de Brasília, num bairro de classe média da capital federal. Trata-se de uma instituição privada de ensino. A escola integra um centro de ensino universitário, que fundado em 1968, acompanhou o crescimento da cidade. A escola foi instalada somente dez anos depois. A princípio não fazia parte das ideias iniciais de seu precursor, que via precipuamente a necessidade de empreender na capital nascente um projeto educacional de ensino superior alternativo à universidade pública³. Entretanto, quando da implantação, o seu estatuto institucional previa o compromisso de estender as ações para todos os níveis e graus de ensino com a finalidade de ofertar estágio para os discentes da licenciatura⁹. Observam-se em sua proposta pedagógica, os pressupostos de uma educação renovada, valorizando uma abordagem humanista de educação. Chama atenção a ênfase às disciplinas de educação física e artes, destacadas como pilares para a consecução de competências que permeiam a “educação ambiental” e o “convívio social”. Algo que faz força contrária aquilo que se percebe com hegemônico nas escolas, que é o de sobrevalorizar algumas disciplinas como a matemática, o português e as ciências naturais em detrimento da educação física, das artes e da filosofia, que em certa medida figuram com menor destaque na cultura escolar. Visto assim, a presença de uma cultura de educação física já instalada favoreceu a escolha da instituição como cenário de nosso estudo.

Pontualmente, nossa proposta foi elaborada a partir de um “mergulho” realizado na escola, fator bastante caro quando da opção pela pesquisa-ação. Com efeito, permanecemos em campo ao longo de um semestre letivo, acompanhando uma turma de 9º ano do ensino fundamental. Anteriormente, havíamos nos aproximado dos professores regentes⁴ desta turma, apresentando

³ Brasília contava apenas dois anos quando ganhou oficialmente sua universidade federal. Inaugurada em 21 de abril de 1962, a Universidade de Brasília (UnB) funcionava desde o início daquele mês, no Ministério da Saúde. O dia 9 de abril marcou o começo das aulas para os 413 alunos que haviam prestado o primeiro vestibular e, com ele, o da própria instituição que viria a se tornar uma das mais bem conceituadas do Brasil. Disponível em: http://www.unb.br/sobre/principais_capitulos/criacao.

⁴ Chamamos atenção à presença de uma dupla de professores, obrigatoriamente mista (um professor homem e outra mulher), para todas as turmas do ensino fundamental. Na escola, a educação física é o único componente curricular que apresenta esta composição docente.

nossas intenções investigativas e acordando um plano de trabalho a ser desenvolvido especificamente no último bimestre letivo, que exigia ao menos um encontro semanal para planejamento e estudos. Nossa intenção era a de socializar os conhecimentos acerca da mídia-educação² e da pedagogia crítico-emancipatória^{4,5}. A escolha da turma proponente à pesquisa também foi fruto dessa incursão ao campo e foi alvo de debate entre pesquisadores e professores. De antemão tínhamos clareza que a turma escolhida teria a oportunidade de viver um trabalho que, em particular, iria ou pretendia tornar o estudante protagonista das ações nas aulas de educação física. Logo, algumas perguntas eram necessárias: qual turma poderia nos surpreender? Qual nos deixaria propor ações mais ousadas e inovadoras nas aulas? Qual delas nós desejaríamos aprofundar nossas intervenções?

A proposta pedagógica procurava consubstanciar a linguagem videográfica aos conteúdos já determinados pelos professores regentes da turma. Com efeito, optamos por inserir esta experiência a uma prática de pesquisa que os professores trabalhavam chamada “Jogos de Construção”. Ao longo dos anos finais do ensino fundamental, em cada série, tematizava-se algo em torno da educação física na forma de um exercício de pesquisa. No 9º ano o tema era “Jogos de Outras Nações”. Segundo o planejamento dos professores, tinha como objetivo conhecer e experimentar de maneira adaptativa jogos/esportes da cultura de outros países. Desta forma, decidimos por vincular a proposta de mídia-educação a este trabalho de pesquisa. Para tanto, decidiu-se que os resultados das pesquisas dos estudantes, que outrora eram apresentados oralmente ou por texto, seriam agora, apresentados por meio de um audiovisual.

A obtenção dos dados durante o processo de investigação ficou circunscrito aos registros em notas de campo¹⁰ no tocante à totalidade de nossa presença na escola, seja no processo de planejamento com os professores ou durante as intervenções com os estudantes. Boa parte das intervenções foram registradas por meio de filmagem e de imagens. Um questionário com informações dos estudantes acerca de suas aproximações com as TIC's foi aplicado com o intuito de diagnosticar as práticas culturais cotidianas. Por fim, um questionário de apreciação dos vídeos foi aplicado com os estudantes. Tal prática resultava de maneira acessória a avaliação formal da aprendizagem, quando os estudantes puderam reunidos, apreciar e criticar todos os produtos de audiovisual.

Objetivamente, emergiram dos dados dois eixos de análises importantes à Didática da Educação Física. Estas foram assim organizadas: a) os caminhos metodológicos do ensino, especificamente a organização didática (planejamento) e a intervenção docente subsidiada pela pesquisa com estudantes; b) a aprendizagem dos estudantes fundadas na participação ativa mediada pela pedagogia crítico-emancipatória de ensino em educação física e sua profícua relação com a mídia-educação. Os desdobramentos destas questões são apresentados e discutidos a seguir

Resultados e Discussão

Planejamento, ação docente e pesquisa como estratégia pedagógica

O que dizer do domínio das tecnologias de comunicação por parte das crianças e adolescentes? Quando pensamos nestas novas tecnologias, a imagem que nos vem à cabeça de imediato é aquela no qual se destaca um jovem fazendo uso destes meios. Objetivamente, tomando como características um contexto urbano brasileiro - como foi o caso de nossas experiências na escola - pode-se inferir que há uma presença marcante das TIC's no cotidiano das crianças e dos adolescentes. No tocante destas constatações, percebemos que não só há proximidade dos estudantes com as TIC's, mas uma quase dependência deles frente aos meios tecnológicos. Quase todos os estudantes da turma investigada faziam uso diário da internet, alguns ficavam horas à frente da tela de um computador, na maioria das vezes interagindo com outros colegas ou navegando por sites de seus interesses. Uma boa parte dos estudantes afirmaram que acessavam com muita frequência o sítio *Youtube*⁵. Alguns têm o hábito de enviar novos vídeos ao site, postando desta forma, suas próprias produções. Assim, é preciso valorizar a integração entre os estudantes e as TIC's diante da obtenção de resultados significativos quanto às práticas pedagógicas que fazem uso das mídias. Isso corresponde ao que Belloni² nos indica quanto à importância em oferecer espaços democráticos de acesso aos meios tecnológicos. Todavia, em que pese o contexto da escola investigada ser privilegiado no que diz respeito ao acesso dos estudantes às diversas formas de mídias, também é preciso sobejar as ações docentes segundo os processos metodológicos de ensino. Não aceitar esta condição é correr o risco de desmerecer as intenções pedagógicas, característica que legitima o trabalho docente na escola¹¹. Ademais, as ações docentes em compasso com uma perspectiva crítica de educação física e o uso da pesquisa como estratégia pedagógica de ensino são as bases de êxito de nossa proposta.

A etapa inicial do trabalho docente, a que precede qualquer ação pedagógica, está condicionada concretamente à elaboração de um planejamento¹² (LUCKESI, 1994). Com efeito, um Plano de Trabalho de nossa intervenção foi elaborado em conjunto entre pesquisadores e professores-regentes da turma investigada. Esse plano orientava todas as aulas e foi sistematizado em formato de tabela com os seguintes indicadores: a) Planejamento: a descrição geral dos aspectos que conduzem de forma eficiente às propostas pedagógicas; b) proposição pedagógica: a descrição da prática pedagógica no âmbito do ensino, da ação do professor em sua estreita relação com os estudantes; c) data de aplicação: apontamento da data de quando se pretende aplicar a proposição pedagógica; d) estratégia e procedimentos: descrição das ações concretas da prática pedagógica,

⁵ O *Youtube* é certamente um dos sites mais populares da internet. Nele é possível assistir e compartilhar vídeos.

bem como o uso de instrumental didático necessário à proposta; e) observações: espaço destinado aos apontamentos especulativos daquilo que se espera em termos de resultados do planejamento e daquilo que por algum motivo, pode oferecer algum risco à consecução da prática.

Os registros, defendidos aqui por objetivar a sistematização dos caminhos metodológicos da prática docente daquilo que se almeja intencionalmente promover, só é possível mediante o entendimento de que ao optar por fazê-lo, o professor demonstra seu compromisso da assunção de seus objetivos e de como pensa em chegar neles. Os elementos que constituem o Plano de Trabalho nos serviram e foram balizadores de nossas ações. Entretanto, destacamos que estas sistematizações precisam preservar as características gerais do planejamento docente, não podendo engessar o processo e também as diversas formas de confeccioná-lo. Tal compreensão nos leva a pensar que tudo irá depender do contexto vivido por cada professor. A atitude consciente do professor deve - nesta etapa do processo pedagógico - conduzi-lo com liberdade pelas várias opções de formato dos registros, mas que também o conduza, peremptoriamente, a elaboração de seu guia de ação, documento que traduz e legitima seu esforço num compromisso com uma educação que projeta os caminhos que perfazem suas intenções aos educandos.

A ação pedagógica tradicional e hegemônica na educação física faz com que o professor carregue o estigma de apenas se manter como um mero organizador de práticas corporais entre os estudantes. Certamente um dos maiores desafios do professor de educação física que almeja modificar sua prática, aproximando-a de uma concepção crítica de ensino e afastando-se de um modelo conservador, seja o de deliberadamente optar por uma ação expressiva que provoque os estudantes à reflexão. Nossa opção em envolver a mídia-educação como suporte teórico e balizadora de aulas assaz favoreceu uma experiência que deliberadamente buscou isso. Ao concordarmos com Betti¹³, desejávamos aos nossos estudantes uma prática em educação física que articulasse a vivência corporal, o conhecimento e a reflexão através dos temas da cultura corporal de movimento. Esses aspectos estão consubstanciados em nossa proposta pedagógica com ênfase no trabalho com o audiovisual efetivado pela produção de vídeo.

Por isso foi necessário efetivar intervenções pedagógicas que levassem a cabo uma apropriação de conhecimentos específicos da linguagem audiovisual pelos estudantes. Desta forma, foi necessário elaborar aulas que introduzissem aos discentes conhecimentos acerca da tecnologia audiovisual e sua aplicação na educação. Com efeito, levou-se adiante um conjunto de atividades que tematizou as diversas funções do vídeo¹⁴, tipos de enquadramento, movimentos de câmara, noções de uso da luz, bem como o uso do *movie maker* como editor de vídeo¹⁵.

No âmbito da educação, o recurso do audiovisual, tematizado por meio da apresentação/produção de vídeo deve se constituir num meio integrador às práticas pedagógicas. Não há fórmulas prontas e pré-estabelecidas para isso. Para Férres¹⁴ o uso do vídeo no contexto

escolar ainda luta para encontrar sua identidade específica como meio expressivo integrado no processo educativo. Portanto, fazem falta boas doses de imaginação e de criatividade. Sobre isso, enaltece-se o protagonismo dos estudantes e nos fica o alerta de sempre observar que a construção dos caminhos didático-metodológicos subjaz a liberdade criativa e autônoma do processo produtivo discente. Ou seja, embora defendamos as ações pedagógicas orientadoras ao trato com o audiovisual, estas jamais deverão emperrar o dinamismo criativo de quem produz um audiovisual: os estudantes.

A efetivação da proposta teve ainda a oferta aos discentes de um exercício de pesquisa, já anteriormente referenciado como “Jogos de Construção” e o tema foi “Jogos/Esportes de outras nações”. O produto deste exercício pôde ser verificado com os resultados das produções de vídeo. Nesse sentido, é essencial motivar os estudantes à elaboração própria de maneira a conduzi-los pelo campo da pesquisa, possibilitando o desenvolvimento de uma atitude autônoma.

Na prática, a produção discente deveria observar aspectos informativos de cada jogo/esporte como a origem e história, as características de como jogar, as regras, etc. Além disso, era necessário que os estudantes elaborassem uma forma de vivenciar este jogo durante as aulas de educação física, tendo uma proposta que oferecesse uma prática que oportunizasse a participação de todos os estudantes da turma. Assim e, considerando a pedagogia crítico-emancipatória^{4,5}, os conhecimentos acerca da cultura corporal de movimento retratados nas aulas permearam várias modalidades esportivas não tradicionais na cultura brasileira (Jogos/Esportes de outras nações), como o hóquei, *rugby*, pólo, beisebol, críquete e o *Le parkour*. Divididos em grupos, os estudantes de maneira autônoma, desenvolveram pesquisas sobre tais modalidades. A seguir, experimentaram tais modalidades por intermédio de vivências durante as aulas. Vale dizer que o planejamento e a consecução das vivências foram protagonizados pelos estudantes, tendo nos professores e pesquisadores seus orientadores, em conformidade com os pressupostos da pedagogia crítico-emancipatória. Na sequência, produziram vídeos como forma de comunicação e documentação dos conteúdos pesquisados. Vale dizer que as práticas vivenciadas pelo grupo durante as aulas também se tornaram subsídio imagético para a produção de vídeos.

Diante da experiência, ficou-nos evidente a importância decisiva de uma atitude comunicativa por parte dos professores. Nela o professor clarifica suas intenções e estabelece junto aos estudantes um ambiente propício à produção, concretizada pela opção do exercício de pesquisa e oportunizada pelo o enfoque da mídia-educação na elaboração de um audiovisual. Por conseguinte, caberia observarmos nas reflexões de Demo¹⁶, questões consonantes a isto, mas que o mesmo prefere chamar de “pesquisa como diálogo”. Para o autor é necessário fazer a aproximação entre pesquisa e diálogo de forma crítica, em que os interlocutores (aluno-aluno, professor-aluno) são sujeitos que se encontram e se defrontam a partir de ideias. Não seria o caso de entender a

pesquisa, no âmbito da educação e mais especificamente ao método de ensino em educação física, como simples descoberta, que termina na análise teórica¹⁶. Mesmo porque, para a educação física escolar não seria um bom caminho a mera projeção de um discurso sobre a cultura corporal de movimento¹³, uma vez que evidentemente suas práticas estão enraizadas a uma corporeidade. No entanto, a percepção de diálogo no processo de ensino-aprendizagem ganha contornos favoráveis a uma concepção emancipatória de educação.

A produção de vídeo como recurso à participação ativa

O vídeo aqui é o lápis que vai escrever a palavra, desenhar o quadro da imagem, da visualidade, da visibilidade.

Maria Isabel Orofino

A epígrafe destacada acima é ilustrativa e ao mesmo tempo sugestiva. De fato, as palavras expressadas nesta frase representam de maneira fidedigna uma síntese de nossas experiências quando assumimos o desafio de propor aos estudantes, num trabalho de pesquisa curricular, a possibilidade de nos aventurarmos na confecção de um vídeo. O “suor” que ficou para trás, de estudantes e professores, simboliza e marca na memória daqueles que participaram de um trabalho coletivo traduzido por um produto de audiovisual.

Do trabalho de pesquisa, foi possível perceber, sobretudo por meio da produção do audiovisual, que praticamente todas as informações e conteúdos relacionados aos jogos/esportes foram extraídos da internet. Isso se mostrou hegemônico em todos os grupos de trabalho. Exceto o grupo de *Rugby*, que trouxera algumas poucas informações colhidas em livro. A preferência pela Internet era justificável uma vez que poder-se-ia considerar todos estudantes como sujeitos incluídos digitalmente. Eles também fizeram pequenas incursões a campo. O grupo de críquete, por exemplo, trouxe em seu vídeo uma entrevista com um jogador desta modalidade que reside em Brasília. A ida ao campo tornou possível retratar nos vídeos aspectos ligados a como estes jogos/esportes, mesmo sendo de culturas de outras nações, também eram praticados pela comunidade regional, muitas vezes próximo à escola. O grupo do *Rugby*, por exemplo, indicou a possibilidade de prática desta modalidade na cidade durante os finais de semana.

Para além dos esforços investigativos dos estudantes sobre os jogos/esportes de outras nações, havia ainda a tarefa de organizar vivências em torno deles nas aulas de educação física. O grupo precisava sugerir uma possível forma de prática do jogo. Era necessário adequar/transformar o jogo/esporte ao ambiente e contexto de aula. Estas práticas seriam filmadas pelo grupo a fim de fazerem parte das produções de vídeo – como já foi mencionado aqui. A organização destas práticas pelos estudantes aponta contundentemente, à opção por uma pedagogia crítico-emancipatória. Para

Kunz^{4,5} é necessário estabelecer uma organização didática que favoreça o desenvolvimento de algumas competências (objetiva, social e comunicativa) e que se estabelecem por meio de um processo de ensino-aprendizagem orientado por três categorias: trabalho, interação e linguagem. A proposta investigada e vivida pelos estudantes por meio do audiovisual concorreu no sentido de oportunizar aos estudantes práticas que evidenciavam o desenvolvimento destas competências.

A competência objetiva, que indica a importância do estudante receber conhecimentos específicos de cada área do saber humano^{4,5}, apresenta-se em nossa proposta consubstanciada pelos conteúdos dos jogos de outras nações. A categoria “trabalho” pode ser compreendida pelo o acesso dos estudantes a um conteúdo que possibilite o desenvolvimento de capacidades e habilidades orientadas por meio de atividades de natureza prática, especialmente aos da cultura corporal de movimento. Em nossa experiência, as filmagens precisavam identificar a vivência dos jogos/esportes pesquisados pelos estudantes. Em todos os vídeos existem demonstrações práticas dos jogos/esportes, momentos filmados durante as aulas.

A competência social pode ser expressa pelo entendimento dos papéis assumidos pelos indivíduos em sociedade, que de acordo com as relações socioculturais estabelecidas por um contexto, podem se tornar problemáticas e contraditórias^{4,5}. A categoria “interação” estabelece nexos importantes ao desenvolvimento desta competência, pois destaca a importância de um agir cooperativo, participativo e solidário da parte de alunos e professores quando do processo de ensino-aprendizagem. Para a consecução desta competência em nossa proposta, recuperamos a importância do trabalho de grupo, motivado pela diligência de uma pesquisa em torno dos jogos de outras nações e, mais ainda, na opção por uma transformação da prática destes jogos no sentido de atender a possibilidade de vivê-los durante as aulas de educação física com o propósito de participação de todos da turma.

Por fim, a competência comunicativa, que identifica a necessidade do domínio por parte dos estudantes das diversas formas de linguagem e expressão, pois o processo reflexivo que permeia a comunicação é o que torna possível o progresso no que tange o pensamento crítico^{4,5}. Nesse sentido, apresenta-se a categoria “linguagem”, que deve oferecer aos estudantes a possibilidades de acesso as manifestações corporais – especialmente na educação física – mas também os diversos conteúdos simbólicos e linguísticos que vão além da cultura corporal de movimento. A confecção de um vídeo, objetivado como um produto das práticas dos estudantes nas aulas de educação física, é certamente o ponto crucial no atendimento de nossa proposta a esta categoria. Logo, a produção dos vídeos nada mais é do que os resultados de pesquisa dos estudantes em torno dos conteúdos dos jogos de outras nações coadunados às vivências nas aulas de educação física.

O último momento desta proposta realizou-se por meio da apreciação dos vídeos, que representou objeto privilegiado de avaliação do processo ensino-aprendizagem. Nesse sentido,

revelou-se uma participação ativa dos alunos nesta etapa. Na medida em que as produções dos vídeos foram socializadas na turma, eles tiveram a incumbência de avaliar o produto da pesquisa de seus pares. Registrou-se que esta diligência sinalizou para uma possível atitude crítica dos estudantes, quando se observou, em algumas ocasiões, a rigorosidade na avaliação, sobretudo na análise de aspectos específicos à qualidade dos vídeos. Assim, utilizou-se o vídeo não só como elemento metodológico, mas também como ação pedagógica voltada para a formação dos sujeitos envolvidos. Quanto às críticas, isto certamente indica que os estudantes possuem uma imagem pessoal e subjetiva da possível qualidade em torno de um produto de audiovisual. Lembrando as contribuições de Orofino¹⁷, que também se aventurou pelas práticas pedagógicas aplicadas à produção de vídeo, constatamos que “[...] a prática, o fazer, ou seja, a produção, traz uma dimensão concreta e pragmática para a reflexividade”¹⁷, aspecto bastante caro ao desafio educativo de tornar os estudantes também consumidores críticos de mídia.

Logo, a proposta do uso do audiovisual numa perspectiva produtiva, introduz elementos pedagógicos importantes para uma concepção de ensino que pretende avançar na autonomia discente. Posto que tais práticas, quando bem orientadas no sentido de privilegiar o trabalho dos estudantes, conseguem prepará-los para uma leitura crítica da realidade e, desta forma, “transcenderem sua condição de consumidores para produtores de narrativas audiovisuais”¹⁷.

O trabalho proposto de pesquisa, consubstanciado à produção do audiovisual e a aplicação vivencial motora do objeto estudado (cultura corporal de movimento – jogos de outras nações) engendra ao processo de ensino-aprendizagem aspectos e atitudes concretas de participação ativa dos estudantes. O corolário desta prática, certamente, incide sobre os resultados de um ensino comprometido com a emancipação discente e o alcance do desenvolvimento da autonomia.

A compreensão de que a opção por uma prática pedagógica que peremptoriamente só é processada pela convergência do esforço coletivo e participativo dos estudantes nos faz, portanto, sinalizar de maneira positiva para tal empreendimento. Para a educação física, que tenciona romper com o modelo conservador de uma prática afeita ao enaltecimento da aptidão física e da esportivização em prol de uma concepção crítica de ensino, no qual a intervenção docente orienta os estudantes à reflexão dos conhecimentos da cultura corporal de movimento, a alternativa da linguagem audiovisual, estruturada segundo uma proposta de mídia-educação, possivelmente é um caminho metodológico que poderá contribuir para vivências educativas emancipatórias.

Conclusão

A experiência de produzir vídeos em aulas de educação física, segundo uma concepção de mídia-educação e coadunada à pedagogia crítico-emancipatória, criou um ambiente propício ao desenvolvimento da autonomia discente, da participação ativa dos estudantes e do pensamento crítico. Embora os estudantes ainda permaneçam reféns de um imaginário de aulas forjadas por um viés “da prática pela prática”, a experiência revelou que há abertura para a mídia-educação na escola e que em dadas condições, como o acesso às tecnologias e ênfase no planejamento didático, pode-se lograr êxito nessas alternativas metodológicas.

A concepção de mídia-educação favoreceu um sentido às aulas de educação física, que tradicionalmente não tem sido focalizado por este componente curricular. Desta forma, podemos pensar que passaria por um “direito” do estudante o desenvolvimento de competências que o leve a pensar autonomamente, quando, por exemplo, exercita a reflexão sobre a cultura corporal de movimento. Seria “direito” do estudante desenvolver suas capacidades inquisitivas, quando submetido ao exercício de uma pesquisa. Também seria “direito” desenvolver suas capacidades produtivas, quando confrontado com a possibilidade de atuar sobre o conhecimento com o propósito de elaborar um produto em formato de audiovisual, na perspectiva do letramento midiático, anteriormente assinalada.

Sob esse último aspecto, cabe ressaltar que os produtos visuais editados pelos estudantes, em geral, se limitaram a reproduzir a estética da programação televisiva mais comum. Essa tendência expressa, de certa forma, criatividade limitada, mas sobretudo ausência de uma linguagem midiática própria da cultura escolar. Esse resultado sugere ainda carência de orientação qualificada para o trato das linguagens audiovisuais em projetos educacionais. Caberia ampliação do tempo pedagógico no interior de outros componentes curriculares, visando deslocar o uso das mídias de uma posição secundária para a de co-centralidade no processo educativo. No caso da educação física situando-se lado a lado da cultura corporal de movimento.

Logo, a opção pela concepção de mídia-educação não pode ser compreendida como mero “modismo contemporâneo” nos processos educacionais formais. Para a educação física, o recrudescimento desta opção metodológica é ainda mais difícil, observando a difusão histórica de uma concepção de ensino tradicional da área, baseada ainda hoje, assaz no modelo da aptidão física. Tal constatação fortalece o entendimento de que é preciso elaborar e experimentar metodologias que traduzam alternativas de ensino que se apresentem com características reformistas. Certamente, este é o maior anseio de pesquisadores e professores que trabalham diretamente na esfera escolar.

Referências

1. Macluhan M. A galáxia de Gutemberg: a formação do homem tipográfico. São Paulo (SP): Nacional, 1977.
2. Belloni ML. O que é mídia-educação. Campinas (SP): Autores Associados, 2005.
3. Betti M. A janela de vidro: esporte, televisão e educação física. Campinas (SP): Papirus, 1998.
4. Kunz E. Educação Física: ensino e mudanças. Ijuí (RS): Unijuí, 2004.
5. Kunz E. Transformação didático-pedagógica do esporte. Ijuí (RS): Unijuí, 2006.
6. Thiollent M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo (SP): Cortez, 2002.
7. Betti M. Educação Física Escolar: ensino e pesquisa-ação. Ijuí (RS): Ed. Unijuí, 2009.
8. Bracht V. Educação Física e Ciência: cenas de um casamento (in) feliz. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. 2000; 22 (1): 53-63.
9. Lopes, JH. Minhas melhores lembranças. Brasília (DF): Dom Quixote, s.d.
10. Severino AJ. Metodologia do trabalho científico. São Paulo (SP): Cortez, 2007.
11. Libâneo JC. Didática. São Paulo (SP): Cortez, 1994.
12. Luckesi CC. Filosofia da Educação. São Paulo (SP): Cortez, 1994.
13. BETTI. Mídias: aliadas ou inimigas da educação física escolar? Motriz. 2001. 7(2): 125-129.
14. Férres J. Vídeo e educação. Porto Alegre (RS): Artes Médicas, 1996.
15. Wohlgemuth J. Vídeo educativo: uma pedagogia audiovisual. Brasília (DF): Senac, 2005.
16. Demo, P. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. São Paulo (SP): Cortez, 2010.
17. Orofino MI. Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade. São Paulo (SP): Cortez, Instituto Paulo Freire, 2005.